

OS CLÁSSICOS NOS EPIGRAMAS PORTUGUESES SETECENTISTAS

HELENA COSTA TOIPA
(Universidade Católica Portuguesa - Viseu)

Arquíloco:
*Sei uma coisa muito importante:
a quem me faz mal respondo com terríveis ofensas.*

RESUMO

Influenciados pelos epigramas gregos e latinos, e especialmente pelos do epigramista latino Marcial, os escritores portugueses do século XVIII compuseram um grande número de composições dessa natureza, atacando, entre outros, classes profissionais (médicos, oficiais de justiça, barbeiros), mulheres, bêbedos e inimigos em geral.

ABSTRACT

Influenced by Greek and Latin epigrams, and specially by those of the Latin epigramist Martial, eighteenth-century Portuguese authors wrote a great number of such compositions, attacking, among others, professional groups, (such as doctors, justice officers, barbers), women, drunkards and all kinds of enemies.

*

Os escritores portugueses do século XVIII, no seu projecto de regresso à imitação dos modelos da Antiguidade e do Renascimento, na sua proposta de uma poética de raiz clássica e de instituição de um estilo harmonioso, depurado dos exageros barrocos, protagonizaram o neoclassicismo. Esta orientação propunha a cultura de géneros poéticos legados pela tradição clássica e renascentista, pelo que os seus elementos deitaram mãos à obra e compuseram um pouco de tudo: sonetos, elegias, odes, comédias, tragédias, etc. O epigrama não foi excepção; encontrou muitos e entusiásticos cultores entre os neoclássicos, muitos dos quais ligados à Arcádia Lusitana.

O epigrama conheceu as suas primeiras manifestações na Grécia, no século VII a C., e consistia, a princípio, em pequenas inscrições, de um ou dois versos, sobre material duro (objecto ou monumento) que, sob forma mnemónica, davam indicações breves sobre quem as compusera ou dedicara, ou sobre aqueles a quem eram dedicadas, sendo, não raro, de natureza fúnebre, com informação sobre quem estava sepultado naquele local. Passou aos poucos para a literatura através do epitáfio poético ou da evocação votiva. Entre os primeiros autores, destaca-se Simónides de Ceos (séc. VI-V a C), que compôs o primeiro epigrama literário conhecido; atribuem-se também alguns epigramas (se bem que a sua autenticidade seja, nalguns casos, questionada) a Eurípides, Platão, Aristóteles e aos poetas alexandrinos Calímaco, Posidipo e Filodemo, entre outros. A partir do século III a C. os temas alargam-se à celebração do amor, do vinho, dos festivais, à descrição de objectos e obras de arte, a dedicatórias, à celebração dos vencedores de jogos, para além de outros, apresentando uma metrificação também variada.

Com Lucílio, epigramista grego do séc. I d. C., o epigrama abre-se à crítica impiedosa, que ridiculariza defeitos, não só de indivíduos, mas de uma classe inteira, critica profissões, como a de médico, e se ocupa a denunciar os vícios humanos, atacando tipos e não tanto pessoas. Lucílio desenvolveu a técnica do final inesperado.

O epigrama também em Roma começara por ser votivo ou funerário; encontram-se inscrições métricas desde a segunda metade do século III a. C., destacando-se as dos túmulos dos Cipíões; atribuem-se também epigramas a Ênio, Névio, Plauto e Pacúvio, maioritariamente de carácter fúnebre. No século II, por influência dos intelectuais que viviam sob patrocínio das grandes famílias, torna-se o género de eleição de uma classe culta e refinada, ocupando-se dos prazeres de vida, com humor e com sarcasmo. No séc. I, os neotéricos, como Catulo, Licínio Calvo, Héliú Cino, Fúrio Bibáculu, entre outros, dedicam-se ao género, trazendo também para o epigrama os temas políticos. No final da República, juntam-se aos temas do amor e do convívio, os instantâneos da vida quotidiana, os episódios da vida real, de carácter anedótico, as composições de circunstância, os convites e mensagens a acompanhar presentes. Os temas eróticos desenvolvem-se com os epigramistas da época de Augusto e Tibério. Na época de Cláudio e Nero, os temas políticos traduzem-se no culto do imperador e no encómio dos seus feitos. Nos séculos seguintes, destacam-se nomes como Ausónio, Floro ou Claudiano.

Um dos mais representativos epigramistas latinos foi Marcial, que concentrou e desenvolveu todas as tendências e temas que o género explorara até à data: descrições de obras de arte e monumentos, lamentos fúnebres, celebração de nascimentos, de aniversários ou de casamentos, epitáfios e elogios, cantos ao vinho e ao amor, louvor de personalidades influentes, convites e agradecimentos, retratos, por um lado; ridicularização de defeitos físicos, sátira de caracteres e de profissões, bisbilhotice, má língua, por outro. Também o metro é variado. Usa a técnica do diálogo, da interpelação do visado, do comentário com um amigo. Cultiva também o final inesperado, a conclusão brevíssima que, por vezes, se concentra num único vocábulo, que desfere a estocada final ou esclarece o alcance do epigrama. Ataca bêbedos, caçadores de heranças, plagiários, fanfarrões, maçadores, indesejáveis, velhas e velhos ridículos, glutões, ladrões, efeminados e falsos virtuosos, novos ricos, literatos pedantes e convencidos, lambe-botas, entre outros viciosos.

As primeiras imitações, em Portugal, dos epigramas clássicos datam do Renascimento, de autores como Pero Andrade Caminha, que escreveu um número considerável deles; surgem também, posteriormente, representados na *Fénix Renascida*; D. Francisco Manuel de Melo compôs epigramas de natureza moral; foi muito apreciado entre os neoclássicos, registando-se, então, um número significativo de manifestações. O epigrama de crítica social ou política que era corrente em França, apesar de não ter tido grande sucesso em Portugal, ainda encontrou seguidores como Joaquim Bingre¹. Com o Romantismo, o epigrama entrou em declínio.

¹ Este autor compôs alguns epigramas políticos, nomeadamente contra Napoleão ou Massena,, mas também contra as políticas nacionais:

Alexandre, Júlio César
Qual dos dois foi mais ladrão?
Antigo problema era
Sem resolver-se a questão.
Eis, quando menos se espera,
Aparece Napoleão.
(Obras de F. J. Bingre, nº 500)

Ou

Senhores representantes
Da esquerda e mais da direita,
Vãos casquilúcios palrantes,
Se a sua súcia é desfeita
Nós ficamos como dantes.
(Obras de F. J. Bingre, nº 529)

Mas foi no século XVIII que o epigrama encontrou um grande número de cultores em Portugal. Cruz e Silva, por exemplo, um dos primeiros e mais empenhados árcades, compôs epigramas morais, heróicos, patrióticos e satíricos. Para além de epigramas, compôs ainda sonetos, idílios, ditirambos, odes, hinos, apólogos, comédias e metamorfoses, no mais puro estilo ovidiano. Como cofundador da Arcádia Lusitana, onde adoptou o criptónimo pastoril de Elpino Nonacriense, tentando cumprir o *Inutilia truncat*, propunha-se repor a clareza e o equilíbrio clássicos. Para ver renascer esse gosto, era necessário revitalizar géneros esquecidos e introduzir modelos da Antiguidade desconhecidos do panorama literário português de então. Os seus cerca de 58 epigramas de dimensão satírica ao nível de costumes, têm, por vezes, também, intuítos morais, heróicos e patrióticos, contemplando a exaltação de figuras históricas ou contemporâneas². Alguns aparecem como paráfrase de autores clássicos, como Virgílio, Mosco, Ausónio e Claudiano. Prevalece, no entanto, uma veia satírica que fazia carreira também com Nicolau Tolentino, Bocage, Bingre, José Agostinho de Macedo, entre outros árcades.

Os seus alvos preferidos são as mulheres (bonitas e feias, elogiando e celebrando as primeiras e ridicularizando as segundas, expondo os seus defeitos e vícios), os avarentos³, os colegas de profissão, geralmente invejosos ou pouco inspirados, os críticos que, sem talento para compor, avaliam os outros com presunção, os “engraçadinhos” que, pela sua inconveniência, acabam por ouvir o que não queriam, ilustrando assim a ideia de que “mais valia estar calado”⁴. Recorre não só aos modelos de Virgílio, Ausónio, Mosco ou

² Este epigrama (*Obras da A.. D. Cruz e Silva*, III) exalta a figura de Vasco da Gama:

*Abrindo o grande Gama o mar ufano,
Tremor se sente todo o Oceano:
Um gelado tremor de toda a gente
Os ossos corre: mas o herói valente,
Não temais, lhes bradou, bravos Soldados,
Que os mares de nós tremem assustados.*

³ Leia-se este epigrama (*ibidem*, XXXI), “tirado do Grego”:

*Sonhou Hermon que muito ouro gastava;
E de paixão, dormindo, se enforcava.*

⁴ Veja-se, por exemplo, o epigrama XLVII (*ibidem*):

*Um vizinho a um vizinho chocarreiro
Zombando lhe chamava alcoviteiro;*

Claudiano, para os imitar ou traduzir, mas também ao fabulário de Esopo, para mais claramente atingir o alvo:

*A raposa, que às uvas não chegava,
De verdes, e de azedas as notava:
Assim Alcandro, a quem engenho falta,
Os Poetas com críticas assalta.*
(Obras de António Dinis Cruz e Silva, XVII)

ou, evocando a fábula da raposa e da máscara:

*Quando, Laurindo, saís tão penteado,
Tão nédio, tão gentil e tão rosado,
Da mãe raposa num momento
Logo me vem o dito ao pensamento:
Oh que bela cabeça por Apolo!
Mas que prol! Se não tem dentro miolo.*
(*ibidem*, XXXIX)

Bocage e Joaquim Bingre notabilizaram-se também neste tipo de composições e, apesar de algumas terem desaparecido, ainda podem ser avaliados nesta matéria, de que ainda existe um número muito significativo de textos. Os médicos eram os seus alvos favoritos.

Bocage é um dos nossos mais inspirados epigramistas e um dos que, com mais graça, pega nos temas da sátira, a maior parte deles comuns aos temas de Marcial. Um desses temas é o ataque a grupos profissionais determinados, sendo o mais visado o dos médicos. Mas se Marcial escrevera alguns epigramas atacando os médicos, Bocage dirige-lhes uma quantidade considerável, predominando no conjunto dos seus epigramas conhecidos. Tal como Marcial⁵, pega no tópico do médico-cangalheiro, que enche os cemitérios com os doentes que atende:

Epitáfio
Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura:
Escapava da moléstia,

*E o vizinho lhe volve pronto e ledos;
Tua mulher não sabe ter segredo.*

⁵ Marcial dedica vários epigramas à ignorância dos médicos, que acusa de levarem à morte um número infindável de doentes:

*Ainda há pouco Diaulo era médico, agora é cangalheiro:
o que faz o cangalheiro, já o tinha feito o médico.*
(Marcial, *Epigramas*, I, 47)

Para os epigramas de Marcial, utilizamos os traduzidos e comentados por José Luís Brandão, Delfim Leão e Paulo Sérgio Ferreira (vd. Bibliografia)

Se não morresse da cura.
(*Obras de Bocage*, p. 1176)

O médico, os seus diagnósticos errados e as suas receitas mortais são constantes nesta sua abordagem da temática. São cheios de ironia e graça alguns destes epigramas sobre a ignorância crassa dos médicos, sobre a sua actividade que aparece associada à Morte e que parece mesmo querer levar-lhe a palma:

A Morte se enfatiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando: “Não estou
Para tornar mais ao mundo!”
Disse um médico: - “Eu lá vou.”
(*Obras de Bocage*, p. 1188)

A própria Morte, que encontrara na Medicina e na Farmacopeia os seus maiores aliados, aturdida de espanto pela “produtividade” do médico e das suas receitas, não ousa meter-se com elas, não vão os seus efeitos desencadear-se sobre ela mesma:

Disse um dia o Fado à Morte
Que chuchasse em tal doutor,
Que punha em cada receita
Ao menos um estupor.

“Não ousa (responde a Parca)
A teu mando obedecer:
Se com médicos se mete,
Té pode a Morte morrer.”
(*Obras de Bocage*, p. 1169)

Ser tratado por um médico é sinal de morte certa ou, pelo menos, de um sofrimento mais intenso; e, então, se ele se põe a receitar, não há mesmo salvação possível:

Quis inda fresca viúva
Casar, mas tinha esquecido
No alfarrábio dos enterros
Pôr o enterro do marido.

“Leve este papel ao Cura”
(Lhe aconselha um maganão),
Era excelente receita
Das que importam num milhão.

“Padre (diz ela, entregando
O papel, que se lhe deu),

O meu homem tomou isto..."

Torna o Cura: "Então morreu!"
(*Obras de Bocage*, p. 1165)

Por isso é que, no lote dos "matadores", entram também os boticários⁶; com os seus remédios, ajudam a enterrar os doentes, e não raro, permitem-se até discordar da receita do médico, porque...cura o doente:

*Bojudo farmacopola,
De cangalhas no nariz,
Lia um papel, dos que a gente
Pregam em vaza-barris.*

*O papel era receita,
Isto bem se deixa ver:
Eis o algoz dos paladares
A moléstia quis saber.*

*Soube-a, pouco mais ou menos,
E exclama um tanto impaciente:
"O médico alucinou-se!
Com isto sara o doente!"*
(*Obras de Bocage*, p. 1167)

Os boticários fazem até propostas de associação macabra aos médicos, como este:

*Arrimado às duas portas
Pingue boticário estava,
E brandamente acenou
A um doutor, que passava.*

*Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro com ar jucundo:
"Unamo-nos, meu doutor,*

⁶ *Um médico, antiga peste
Do triste género humano,
De costumado a enganar-se
Pôde acertar por engano.*

*Fez uma receita idónea,
Apesar do formulário;
Mas o que ao médico escapa
Lá vai ter ao boticário.*
(*Obras de Bocage*, p. 1173)

E demos cabo do mundo!”.
(*Obras de Bocage*, p. 1165)

E quando certo farmacêutico quis editar o conjunto das suas receitas, o editor, na sua simplicidade, pôs-lhe o título “Arte de fazer defuntos”⁷

Por isso, os doentes que se salvam, neste terrível panorama, são aqueles que deitam fora os remédios:

*Lavrou chibante receita
Um doutor com todo o esmero;
Era para certa moça,
Que ficou sã como um pero.*

*“Tão cedo! É milagre!” (assenta
A mãe, que de gosto chora).
“Minha mãe, não é milagre,
Deitei o remédio fora.”*
(*Obras de Bocage*, p. 1160-61)

Os próprios médicos e os seus familiares⁸ conhecem as suas limitações e o seu poder de fazer defuntos, pelo que hesitam antes de agir, quando se trata de entes queridos:

*Um chapado, um retumbante
Corifeu de medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.*

*Eis para curá-la o chamam,
Pela alta fama que tem;*

⁷ *Certo Averno quis no prelo
Ver seus aforismos juntos:
Pôs-lhe o editor singelo:
“Arte de fazer defuntos.”*
(*Obras de Bocage*, p. 1168)

⁸ *Um velho caiu na cama:
Tinha um filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.*

*O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai:
Diz-lhe o velho, suspirando:
“Repara que sou teu pai!”*
(*Obras de Bocage*, p. 1171)

*Geme o doutor, e responde:
 “Não vou, que lhe quero bem.”
 (Obras de Bocage, p.1160)*

Outro autor setecentista, contemporâneo e companheiro de Bocage, Francisco Joaquim Bingre⁹, compôs uma quantidade muito significativa de epigramas, que ultrapassa as duas centenas, e, destes, perto de metade tem como alvo os médicos e seus associados, para além dos boticários, os enfermeiros e os estagiários: todos eles conjugam as suas actividades, no sentido de matar os doentes, pela sua incompetência e ignorância:

*Que grandes carrascos são
 Enfermeiros do hospital!
 Comem a carne aos doentes,
 Dão-lhe o remédio fatal.
 (Obras de Francisco Joaquim Bingre, n.º 379)*

*“Que aprendizes tem a Morte!”
 (Disse um enfermo mortal,
 quando viu a quadrilha
 De visita ao hospital).*

⁹ Francisco Joaquim Bingre é um autor mais esquecido e hoje menos conhecido que outros autores neoclássicos. Viveu entre 1763 e 1857, tendo atingido a prolecta idade de 94 anos. Natural de Estarreja, estudou Latim e Humanidades, com Manuel Pereira da Costa, em Lisboa, para onde os pais se teriam mudado. Foi cofundador, com Belchior Curvo Semedo, Domingos Caldas e Joaquim Ferraz de Campos, da Academia de Belas Letras de Lisboa, a que se juntou depois, também, Bocage, com quem partilhou alguns dos bons momentos desta instituição e uma vida de boémia. A Academia teve grande aceitação e estes intelectuais frequentavam os salões das grandes casas, em reuniões e convívios culturais, como por exemplo, a da Marquesa de Alorna ou a da Viscondessa de Balsemão. Entre 1793 e 1802 são impressas algumas obras de Bingre, mas, a partir de 1804, com dificuldades económicas e uma numerosa família para sustentar, passa a desempenhar o cargo de escrivão na função pública; durante este período não escreve muito. Com as mudanças de regime político, com as posições que assumiu e com a reforma da função pública, viu-se desempregado e com recursos limitados. Valeu-lhe o apoio dos companheiros de letras e dos seus amigos, que o socorreram com o seu auxílio. Bingre compila então a sua obra para publicar. Escreveu sonetos, obras dramáticas, elegias, epigramas, etc. O seu criptónimo pastoril era Francélio Vouguense e era também conhecido como o Cisne do Vouga.

*“Toda esta chusma esculápia”¹⁰
 Que de tropel vem curar,
 Nos doentes desta casa
 Vem aprender a matar.”
 (Obras de F. J. Bingre, n° 380)*

Diagnosticar e receitar é considerado um jogo de sorte ou azar: o médico, sem saber muito bem o que faz, tanto pode acertar como errar:

*Quando um médico receita
 Bota os dados a acertar:
 Uma vez vira de sorte,
 Outra vez vira de azar.(ibidem, n° 350)*

E os médicos erram constantemente e fazem-no sem deixar vestígios¹¹ e sem castigo; ninguém pede contas dos erros que ele comete senão.....os próprios mortos:

*Indo um dia de finados
 Certo médico ouvir missa,
 Alevantaram-se os mortos
 Gritaram todos : “Justiça!”
 (ibidem, n° 353)*

Tal como Bocage, compõe epigramas sobre os médicos cangalheiros, que levam impunemente os doentes para a sepultura¹², desempenhando o papel da Morte e substituindo a Morte, que abandona o campo; sobre receitas fatais que matam o doente (*ibidem*, n° 358, 389); sobre a consciência que o médico tem da sua capacidade

¹⁰ Esta “chusma esculápia” lembra um epigrama de Marcial, no qual ele se lamenta de, estando levemente doente, ter sido visitado por médicos e aprendizes:

*Tinha um resfriado: mas tu, com um cento de alunos,
 Logo vieste, Símaco, a minha casa.
 Um cento de mãos, geladas pelo aquilão, me apalparam:
 Não tinha febre, Símaco: agora tenho.
 (V, 9)*

¹¹ *Os médicos são os entes
 Mais felizes que o Orbe encerra:
 Vê o Sol os seus acertos,
 Seus erros cobre-os a terra. (Obras de F. J. Bingre, n° 356)*

¹² Este é um exemplo entre muitos (*ibidem*, n. 356, 371, 402, 404, 411, etc):

*Atulha todos os dias
 Medicina exp’rimental
 Com sete ou oito doentes
 A tumba do hospital. (n° 378)*

de matar, que o leva a não “tratar” aqueles de quem gosta (*ibidem*, nº 427, 434, 458); etc. Há ainda um conjunto de epigramas que reflecte o espírito da sociedade da época, insistindo na ideia de que ter médico ou consultar o médico era moda:

*Chamar o médico anda em moda
Por fastio de viver:
Mas, enfim, faça-se a súcia:
Se é moda, toca a morrer. (Ibidem, nº 370)*

ou

*Um velho, que estava quasi
A sofrer da Parca o corte,
Fez um médico chamar,
E lhe disse desta sorte:*

*“Chamei-o, Senhor Doutor,
Por que saiba a gente toda
Que sou velho de bom gosto
Que quero morrer à moda.”*
(Obras de F. J. Bingre, nº 413)

Mas os epigramistas também adoecem e chamam o médico; estes vingam-se e respondem-lhes que se tratem com os seus epigramas. Remédio santo! Não há, conclui o irónico doente, melhor cura:

*Epigramático vate
Sentindo uma activa dor,
Pedi um remédio pronto
A um físico Doutor*

*Ele, mofando, lhe disse:
“Quem ataca a nossa fama
Aplique a essa pontada
Um medical epigrama.”*

*Oh! Que receita famosa!
Fugiu-lhe a dor repentina!
Quem quiser sarar depressa,
Diga mal da Medicina.*
(ibidem, nº 374)

Há outros grupos profissionais que merecem os ataques dos epigramas de Bocage e de Bingre, mas não com tanta intensidade, pois o número de composições é significativamente menor. As actividades mais visadas são a do barbeiro, a dos oficiais de justiça e a

dos colegas de profissão, principalmente aqueles que os criticam e são seus inimigos.

Os epigramas ao barbeiro tocam num aspecto que radica num texto de Marcial: a lentidão do profissional. O de Marcial diz:

*Enquanto o barbeiro Eutrápelo dá a volta à cara de Luperco
e lhe rapa as bochechas, outra barba lhe cresce.*
(Marcial, *Epigr.* VII, 83)

e é imitado por Bocage, da seguinte forma:

*Barbeiro demorador,
Não me pilhas outra vez,
Mal haja o pai que te fez,
Devera ser malfeitor.*

*Com a barba em sangue, em fogo,
Tanto tempo aqui sentado,
Que outra tem brotado,
Mal que a rapas cresce logo.*
(*Obras de Bocage*, p. 1182)

e desta por Joaquim Bingre:

*Quando o meu mestre barbeiro
Me faz a barba, polido,
Em findando uma, ronceiro,
Já a outra tem crecido.*
(*Obras de F. J. Bingre*, , nº 445)

Outro grupo profissional muito visado é o dos oficiais de justiça, o que também não é novidade, pois Marcial atacava também com gosto os advogados do seu tempo, ou porque não lhes reconhecia a importância que eles se arvoravam, ou porque eles lhes criticavam os seus versos, ou porque exigiam grandes presentes aos seus clientes (pois a sua actividade, bem como a do juiz, não era remunerada), e ficavam caros:

*E pede dinheiro o juiz e pede dinheiro o advogado:
Aconselho-te a pagar, Sexto, mas é ao credor.*
(II, 13)

Os setecentistas portugueses Bocage e Bingre visavam também os escrivãos¹³ e os procuradores pela sua corrupção, pelos “presentes”

¹³ Os escrivãos são muito criticados pela sua ambição sem escrúpulos, pela sua desonestidade:

Um escrivão fez um roubo;

que recebiam a ocultas, que impedia que se cumprisse a letra da lei e que os juizes pudessem actuar com justiça. Olham apenas pelos seus interesses, sem se preocuparem com mais ninguém:

*Com tão má gâmbia andas tanto,
Tanto daqui para ali!
Procurador, não me enganas:
Tu procuras para ti.
(Obras de Bocage, p. 1162)*

A justiça não é cega e não se pode ter confiança nos tribunais:
*Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:*

*“Em Cujácios, em Menóquios,
Em Pegas, e Ordenação,
Em reinícolas, e estranhos
Tem carradas de razão.*

*Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão, razão demais.”
“Ah senhor! (o homem replica)
Tê-la-ei nos tribunais?”
(Obras de Bocage, p. 1169)*

Também Bingre considerava, face à corrupção do sistema judicial, que a justiça não era efectivamente para todos:

*Aconselhava um pobre
Com um letrado de fama
Que, vendo-o chorar misérias,
Mil vezes louco lhe chama.

“É pobre e quer ter demandas?
Vá-se daqui, Só preguiça!”
(Diz enfadado o Doutor)
“Pobreza não tem justiça.”
(Obras de F. J. Bingre, nº 511)¹⁴*

*Diz-lhe o juiz: “Que razão
Teve para fazer isto?”
Responde: - “Ser escrivão.”
(Obras de Bocage, p. 1174)*

¹⁴ - De temática semelhante são, por exemplo, os epigramas antologiadados, na obra referida, sob os números 449, 462, 504, 506, 513, 526, 540, 541, 542, entre outros.

Também os maus poetas são atacados, num tom próximo do de Marcial, II, 88:

*Nada recitas e queres, Mamerco, parecer poeta.
Sê lá o que quiseses, desde que nada recites.*

Compõe Bocage o seguinte Diálogo:

*CÓRIDON
Elmano, lê-me os teus versos.*

*ELMANO
Melhor sorte me dê Deus!
Tremo disso.*

*CÓRIDON
E porque tremes?*

*ELMANO
Porque podes ler-me os teus.
(Obras de Bocage, p. 1166)*

Também Bingre glosa o tema:

*Amostrou um mau poeta
Seus versos a um bom cantor
E no fim lhe perguntou
De quais gostara melhor.*

*Respondeu-lhe o vate. “Amigo,
De quantos versos trouxeste,
Os que melhor me agradaram
Foram esses que não leste.”
(Obras de F. J. Bingre, nº 472)*

Com raízes também em Marcial e nos antigos, há muitos epigramas contra as mulheres: a sua (in)fidelidade, a sua fealdade, os seus defeitos físicos (sem dentes, com um grande nariz,...). Quanto a estes há um de Marcial a que os nossos autores parecem ter achado muita graça, dirigido a uma mulher desdentada. Marcial:

*Se bem me lembro, Élia, tu tinhas quatro dentes:
uma tosse expulsou dois; e outra, outros dois.
Podes agora tossir em segurança dias inteiros:
nada tem que fazer aqui uma terceira tosse.
(Epigr. I, 19)*

Imita Bocage da seguinte forma:

*Se me lembro, Élia, tiveste
De belos dentes a posse:
Numa tosse dois se foram,
Foram-se dois noutra tosse.*

*Segura noites, e dias
Podes tossir a fartar;
Podes, que tosse terceira
Já não tem que te levar
(Obras de Bocage, p. 1176)*

Quem casa com mulher feia, pode fazê-lo por duas razões: “quem o feio ama bonito lhe parece”¹⁵ ou por causa do dote¹⁶. Os caçadores de dotes, que desejam ardentemente a morte da mulher, geralmente mais velha ou com sinais de doença, constituem um grupo também muito presente em Marcial:

*Casar comigo é o que Paula quer; eu, casar com Paula,
nem pensar: é velha. Queria - fosse ela mais velha.
(X, 8)*

Quanto à fidelidade feminina ou não existe, pois a mulher é muito inconstante, ou, se existe, é pela força das circunstâncias:

*De que é só de seu marido
Laura tem reputação:
Este mérito subido
A quem o deve? Eu duvido
Se à cara, se ao coração.
(Obras de Bocage, p. 1187)*

Não são só visadas, no entanto, as esposas, mas também as filhas:

¹⁵ Bocage:

*Da feia mulher Andrónio
Com zelos arde, e rebenta;
Nisto o não julgo bolónio:
A mulher é um demónio,
Porém o demónio tenta.
(Obras de Bocage, p. 1185)*

¹⁶ É de Bingre o seguinte epigrama sobre este tema (*Obras de F.J.B.*, n.º 492):

*Casou c'uma mulher feia
Um certo tãful Quixote.
Mas ela levou consigo
Em dinheiro, um grande dote.*

*Notado da má escolha,
Respondeu cheio de brio:
“Tomei-a só pelo peso,
E não pelo seu feitio”.*

*Perguntado um sabichão
Por um seu vizinho amigo,
Porque casara sua filha
c'um capital inimigo,*

*Respondeu: "Se minha filha
C'um inimigo casei,
Foi para me vingar dele
Que minha filha lhe dei".*
(Obras de F.J. Bingre, nº 480)

Bocage ataca também vícios e viciosos, nomeadamente bêbedos e avarentos, tal como acontecia em Marcial. Um dos mais célebres epigramas de Bocage sobre a avareza, junta também um médico, mas, excepcionalmente, um bom médico:

*Levando um velho avarento
Uma pedrada num olho,
Pôs-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.*

*Certo doutor, não das dúzias,
Mas sim médico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.*

*"Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso."*
(Obras de Bocage, p. 1160)

Bingre também não deixa em paz os viciosos; os tolos, os que maltratam os animais, os avarentos [nº 466 (*Opímio, grande avarento,/Sempre co'a noite se anseia./Porquê? Pelo grande gasto/De acender uma candeia.*) e também 497, 520, 521]; os jogadores (nº 446), os mentirosos, os soberbos, os presumidos (nº 459, 460, 469, 473), os engraçadinhos:

*Tinha um fidalgo na corte
Um boleiro beirão
Tão parecido com seu amo,
Que julgavam ser irmão.*

*"Dize, rapaz, tua mãe
À corte veio algum dia?"
(Perguntou o tal fidalgo
Ao moço, por zombaria.)*

*Ele, conhecendo o chiste
Da pergunta e seus reveses,
Lhe disse: "A minha mãe nunca,
Porém, meu pai, muitas vezes".¹⁷ (Obras de F. J. Bingre, nº 471)*

Também não esquecem os portadores de algum defeito físico: zarrinhos, carecas, corcundas, mancos, etc. Nalguns textos, não muito abundantes ou particularmente ácidos, Bingre ataca também o clero:

*Pregava um frade capucho
Sobre as bem aventuras:
Fez um sermão tão comprido,
Que fez dormir as crianças.*

*Apenas findou, o Cura
Na sacristia o notou,
Que uma bem aventura
No seu discurso faltou.*

*"Qual foi? (Perguntou, irado)
"Foi (lhe disse o Cura) irmão,
"Bem aventurado aquele
"Que não ouviu tal sermão". (ibidem, 470)*

Formados no espírito do mundo clássico, voltados para a revitalização dos autores antigos, os setecentistas cultivam todos os géneros e toda a espécie de textos, num espírito de imitação. Compõem odes, elegias, obras dramáticas, cartas, sonetos; traduzem-nos, imitam-nos, glosam-nos. Os epigramas foram também muito cultivados - destacámos apenas os de Bocage, F.J. Bingre, Cruz e Silva e a sua filiação num dos mais representativos epigramistas do mundo romano, Marcial. Com o seu pendor satírico, estes autores visavam um alvo, que podia ser um grupo profissional, um vício, um defeito, uma pessoa não particularmente querida para o autor. Daí poder dizer-se com Arquíloco: *Sei uma coisa muito importante: a quem me faz mal, respondo-lhe com terríveis ofensas.*

¹⁷ Cruz e Silva tem um epigrama (*Obras de A. D. Cruz e Silva*, XLIX) muito semelhante, o que pode indicar a existência de uma fonte comum:

*Augusto a um camponês, que o assemelhava,
Se a Mãe viera a Roma perguntava:
E o camponês lhe torna sem receio,
Minha mãe não, meu pai mil vezes veio.*

BIBLIOGRAFIA

- BINGRE, *Obras de Francisco Joaquim Bingre*. Edição de Vanda Anastácio. Lello Editores, Porto, 2001 (Vol. I), 2002 (Vol. IV)
- BOCAGE, *Obras de Bocage*. Introdução de Teófilo Braga. Lello e Irmão Editores, Porto, 1968.
- CRUZ E SILVA, *Obras de António Dinis da Cruz e Silva*. (Vol. II) Edição de Maria Luísa Malaquias Urbano. Edições Colibri, Lisboa, 2001
- MARCIAL, *Epigramas*. Introdução e notas de Cristina Pimentel. Tradução de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. (Vol I, 2000; Vol. II, 2000; Vol III, 2001; Vol. IV, 2004). Edição 70, Lisboa.
- MARTINS, António Coimbra, entrada “Epigrama”, *Dicionário de Literatura*. Dir. de Jacinto Prado Coelho, Figueirinhas, Porto, ³1976
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Hélade*. Coimbra, ⁴1982
- The Oxford Classical Dictionary*. London, New York, Oxford University Press, 1996.